INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGRONEGÓCIO

JUSSÉLIA SANTOS DA PAZ

RECRIAÇÃO CAMPONESA EM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE AXIXÁ DO TOCANTINS

Palmas/TO

2021

JUSSÉLIA SANTOS DA PAZ

RECRIAÇÃO CAMPONESA EM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE AXIXÁ DO TOCANTINS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora em Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio como requisito à obtenção do grau de Tecnólogo Superior em Agronegócio, do Instituto Federal do Tocantins - Campus Palmas.

Orientadora: Prof.° Dr. Frank Toshimi Tamba

Palmas/TO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

P348r Paz, Jussélia Santos da
RECRIAÇÃO CAMPONESA EM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE AXIXÁ DO TOCANTINS / Jussélia Santos da Paz. – Palmas, TO, 2021.
18 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão do Agronegócio) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2021.

Orientador: Dr. Frank Toshimi Tamba

1. Campesinato. 2. Agricultura familiar. I. Tamba, Frank Toshimi. II. Título.

CDD 630

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automatica de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS

JUSSÉLIA SANTOS PAZ

RECRIAÇÃO CAMPONESA EM ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE AXIXÁ DO TOCANTINS

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio do Instituto Federal do Tocantins como requisito para a obtenção de grau de Tecnólogo em Agronegócio.

Data da aprovação: 25 de Novembro de 2021.

Banca Avaliadora:

Prof. Dr. Frank Toshimi Tamba
Presidente da Banca de TCC

Profª Dra. Hélen Fernandes Moreira
1º Membro da Banca Avaliadora

Prof. Msc. Luiz Antônio Lopes de Toledo
2º Membro da Banca Avaliadora

Documento assinado eletronicamente por **Frank Toshimi Tamba**, **Servidor**, em 07/12/2021, às 08:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Helen Fernandes Moreira**, **Servidora**, em 07/12/2021, às 21:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Antonio Lopes Toledo**, **Servidor**, em 07/12/2021, às 21:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ifto.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1467020** e o código CRC **70AD60D0**.

Referência: Processo nº 23236.019765/2021-98 SEI nº 1467020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois Ele é quem nos capacita para vencermos os desafios.

Ao professor orientador Dr. Frank Toshimi Tamba, pela paciência e por todos os ensinamentos, sempre disposto a compartilhar o seu conhecimento.

Aos meus colegas de sala, pelo companheirismo ao longo de todo o curso e por compartilharem comigo tantos momentos de aprendizado e alegria em especial à Thaynara Farias Barros e Taynara Pereira Lima.

À banca examinadora, Prof. Dra. Helen Fernandes Moreira e Prof. Msc. Luiz Antonio Lopes Toledo, pelas correções e valiosas orientações.

A todos os professores do Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio

- Campus Palmas pela excelência e qualidade no ensino.

Não corra atrás das borboletas; plante uma flor em seu jardim e todas as borboletas virão até ela.

(D. Elhers)

RESUMO

O presente texto tem como objetivo abordar os processos da recriação camponesa a partir da implantação do projeto de assentamentos da reforma agrária Grotão, no município de Axixá do Tocantins. A constituição do assentamento nos anos 80 interrompe um processo de exclusão e luta pela terra e inaugura uma nova fase, a partir do qual tiveram acesso a políticas públicas e possibilidade de recriação camponesa juntamente com o processo de constituição do projeto de assentamento. O estudo é uma pesquisa de base qualitativa que faz uso do método de estudo de caso, que visa a compreensão do objeto pesquisado por meio da interpretação, e como resultado temos na análise de dados um modelo Original e o modelo ideal apresentado de acordo com os dados da pesquisa.
PALAVRAS CHAVES: Campesinato, Agricultura familiar, Recriação, Modelo ideal e Modelo Real.

ABSTRACT

This text aims to address the processes of peasant recreation from the implementation of the project for settlements of the agrarian reform Grotão, in the municipality of Axixá do Tocantins. The establishment of the settlement in the 1980s interrupts a process of exclusion and struggle for land and inaugurates a new phase, from which they had access to public policies and the possibility of recreating peasants along with the process of setting up the settlement project. The study is a qualitatively based research that makes use of the case study method, which aims to understand the research object through interpretation, and as a result we have in the data analysis an Original model and the ideal model presented according to the survey data.
KEYWORDS: Peasantry, Family Farming, Recreation, Ideal Model and Real Model..

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
IFTO – Instituto Federal do Tocantins
RUALTINS – Instituto de Desenvolvimento Rural do Tocantins

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11

Persistência, campesinação e recampesinação no Brasil.....11

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....16

RESULTADOS E DISCUSSÕES.....19
O Modelo Original dos Camponeses do Assentamento Grotão.....19
O Modelo Ideal a partir da entrada nos Assentamento de Reforma Agrária.....22

CONCLUSÃO.....25

BIBLIOGRAFIA.....26

INTRODUÇÃO

A implantação de assentamentos de reforma agrária foi intensificada e acelerada nos governos de FHC e Lula após um longo processo de lutas e pressões sociais em todo o território brasileiro. A questão da posse da terra para os trabalhadores rurais, pequenos produtores formando a recriação camponesa em assentamento de reforma agrária com o intuito de proporcionar às famílias em situações vulneráveis um local para plantação e cultivo da agricultura para o sustento familiar, no entanto até os dias atuais ainda acontece a desvalorização do trabalho e das necessidades das famílias participantes e viventes nos assentamentos.

Em decorrência dos fenômenos emergentes supramencionados das sociedades contemporâneas e de suas demandas neste século, implicações diversas incidem sobre a necessidade de inovação e implementação de currículos que visem o desenvolvimento da valorização das comunidades assentadas e para este fim será realizado uma pesquisa em um assentamento no município de Axixá do Tocantins - TO, com o intuito de conhecer e propagar as origens e os desafios encontrados pelas famílias que residem em tal assentamento.

O modelo que até hoje prevalece no meio rural é aquele oriundo dos interesses do latifúndio colonial, hoje "modernizado" – chamado de forma eufêmica de agronegócio, mas, como dantes, concentrador e excludente. Foi somente no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, em 1945, que o país começou a discutir a resolução da questão agrária, principalmente como condicionante do projeto de desenvolvimento do então conhecido Modelo de Substituição de Importações. Como também esclarece o documento presidencial, nessa época "dezenas de projetos de lei de reforma agrária foram apresentados ao Congresso Nacional. Nenhum foi aprovado" (BRASIL, 1997).

Persistência, campesinação e recampesinação no Brasil

Karl Marx elaborou sua teoria econômica e previu que os camponeses não teriam lugar nas economias capitalistas, pois ou se tornariam donos dos meios de produção ou proletários. Passados mais de dois séculos, e mesmo com o capitalismo se tornando um sistema econômico dominante, observa-se em vários locais do mundo, que

ainda é possível identificar grupos familiares que convivem em comunidades ligados por laços de solidariedade que os mantêm distintos da sociedade envolvente, porém sem isolar-se completamente e com relativa autonomia, como definiu Mendras (1978) ao identificar os camponeses na França. Mas, afinal, o que é camponês? Não seriam eles, agricultores familiares? Caso não, qual a diferença?

A resposta para essas indagações, pode ser ancorada no vasto estudo de Lamarche (1993), que ao realizar sua pesquisa em (Polonia, Tunísia, Canadá e Brasil), afirma que "toda exploração camponesa é familiar, mas nem todas as explorações familiares são camponesas". Maria Nazareth Baudel Wanderley (2010) ao estudar os agricultores familiares no Brasil destaca que o termo na contemporaneidade refere-se a uma evolução e modernização dos sistemas produtivos dos agricultores no campo, que mantém a centralidade da família no trabalho e gestão das atividades na unidade de produção, mas por outro lado, ressalta que muitos desses agricultores, possuem traços de tradição e cultura camponesas, ou seja, as transformações dos agricultores familiares modernos não significa um rompimento definitivo com seus delineamentos anteriores. Ao contrário, devido ao patrimônio sócio-cultural construído ao longo da trajetória de vida desses agricultores é que diferentes estratégias são geradas, e conferem a eles uma enorme capacidade de adaptação às novas exigências da sociedade (WANDERLEY, 2009).

Ao nos ancoramos nesses autores, podemos como ponto de partida, responder que os camponeses são uma categoria de agricultor familiar com algumas particularidades e que a sua caracterização não se resume a itens objetivos como o tamanho da área, faturamento, contratação de trabalhadores e participação dos membros familiares nas atividades agrícolas, como definida pela lei nº 11.326 de julho de 2006 que definem o agricultor familiar como

> aquele que desenvolve atividades no meio rural, e que atende, simultaneamente, os seguintes requisitos: não ter posse de área rural maior que 4 módulos fiscais; utilizar predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas desenvolvidas no local; e possuir a maior parte da renda familiar proveniente das atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento rural. Também são considerados agricultores familiares os silvicultores, aquicultores, extrativistas, pescadores, povos indígenas, integrantes de comunidades remanescentes de quilombos rurais e indivíduos de assentamentos da reforma agrária. (BRASIL, 2006).

A pesquisadora Maria de Nazareth Baudel Wanderley, conforme destacou anteriormente, deixa claro que o termo não engloba apenas aspectos objetivos, mas

também de uma série de características subjetivas como as relações sociais envolvidas entre os membros familiares, da comunidade e sociedade envolvente.

Um dos estudos clássicos que orientam grande parte dos estudos sobre campesinato no mundo é, sem dúvida, o trabalho de Mendras (1978, p. 14-15), destaca que a característica principal do camponês é o pertencimento, o fazer parte de uma "sociedade camponesa", vivendo em coletividades locais com fortes relações de interconhecimento[1].

A vida comunitária em um determinado local fortalece os grupos familiares, através de laços de amizade, compadrio e parentesco, que vão se formando ao longo do tempo, compartilhando o espaço, a vida em comum, o trabalho, as festas, a religião, crenças e costumes. Enfim, criam um ambiente em que todos se conhecem e se identificam como pertencentes àquela comunidade que, ao mesmo tempo, o distinguem de outros grupos, confere a eles autonomia e autocracia relativa. Ou seja, o correto seria falarmos em camponeses, pois as relações sociais e interdependências são os traços marcantes desses agricultores que vivem em comunidades.

Os primeiros estudos clássicos demonstram que o campesinato brasileiro sofria a interferência das monoculturas brasileiras, seja por meio de subordinação no interior das *plantations* (como moradores, rendeiros, etc.), ou pressão para fora de seus limites, nas proximidades ou afastados em regiões longínquas de fronteira, onde se localizavam as "terras livres". Esses três grupos, foram classificados pelos estudiosos como Moacir Palmeira, Afranio Garcia Junior, como Campesinato subordinado a plantation; campesinato livre e campesinato da fronteira.

No interior ou fora dos limites das *plantations*, os camponeses brasileiros conviviam em pequenos grupos locais, que no contexto brasileiro, ficaram conhecidos como "bairros rurais[2]" ou "centros e povoados[3]", que permita certo grau de fortalecimento em relação a influência da sociedade envolvente, mas não significava isolar-se do seu domínio e influências.

---

[1] O interconhecimento é uma característica da sociedade camponesa, onde a vida em coletividade permite que cada um conheça a todos os demais, e todos os aspectos da personalidade do próximo (MENDRAS, 1978, p. 88).

[2] Os bairros são definidos como um "habitat" disperso centralizado por pequeno núcleo de habitações em torno de uma capela e pelos vínculos sociais que unem seus membros (QUEIROZ, 1973, p. 133)

[3]Centro é relativo a pequenos núcleos de povoamento rurais implantados em áreas de matas para a prática de agricultura de subsistência de camponeses na área da fronteira amazônica. À medida que aumentavam em tamanho e adquire o formato de "bairros" passavam a ser chamados de povoados. (VELHO, 2009)

Essas pequenas comunidades camponesas, denominadas “bairros” (QUEIROZ, 2009) ou “centros” e “povoados” (ALMEIDA, 1986; VELHO, 2009), se caracterizavam por um grupo de vizinhança, às vezes de habitat disperso, mas que conferia aos habitantes a noção de pertencimento àquela localidade, geralmente tendo como elemento de agregação a religiosidade representada pelas missas na capela, a festa do padroeiro e os trabalhos coletivos como mutirão e ajuda mútua compartilhada entre os moradores. Mesmo quando existe alguma diferenciação no nível econômico entre alguns moradores do bairro, o estilo de vida não permitia que as diferenças se acentuassem muito. Todos têm a mesma técnica de cultivo, estilo de vida, recorrem a ajuda mútua, enfim se organizavam de forma igualitária (QUEIROZ, 1973, p. 93).

Esses núcleos, no geral, tinham como características uma vida rude, de condições de moradia precária, formas coletivas de trabalho[4], numa economia fechada[5] de pouca circulação monetária, seja na contratação de serviços ou troca de mercadorias em “feirinhas” pobres e rudimentares. Os traços marcantes dessas comunidades que as distinguiam do resto eram: isolamento, pobreza e agricultura de subsistência (PALÁCIOS, 1987, p. 148; PRADO JUNIOR, 1978, p. 291), sendo que as condições de moradia também eram semelhantes, casas rústicas (taipa, sapé, pau a pique) de chão batido e várias adaptações de objetos, como móveis e utensílios.

Segundo Wanderley (2009, p. 163), são as relações internas e externas que caracterizam as sociedades camponesas, e não somente a maneira tradicional de realizar a exploração da terra, comumente realizada em pequenas dimensões de terra, adaptando a exploração dos recursos naturais, geralmente sem a utilização (ou minimamente) de mecanização e insumos industrializados, tornando as atividades penosas e de baixos rendimentos.

A autonomia econômica do camponês perfaz-se na capacidade de manter o seu próprio sustento, bem como a reprodução familiar, por meio do sistema de policultivo-pecuária. Não obstante, ainda há a constituição de um patrimônio familiar que é “transmitido às gerações futuras com todos os investimentos e recursos materiais e de trabalho convertidos no presente” (WANDERLEY, 2009 apud TAMBA, 2015, p. 35).

---

[4] Definida como solidariedades vicinais por Mello e Souza (2001).

[5] Economia fechada para a autora se refere a uma economia onde os trabalhadores preocupam-se com a satisfação das necessidades familiares, sem visar o lucro, significando geralmente num isolamento, com poucas relações econômicas com vizinhos e feiras locais (QUEIROZ, p. 54).

Portanto, essa continuidade de gerações se referem a sucessão dos recursos patrimoniais para o desenvolvimento das atividades campesinas e também do patrimônio sociocultural que constitui um projeto de vida, e que orienta a própria maneira de produzir e de se comportar diante do contexto social global, adequando-se às suas mudanças históricas, econômicas, sociais, culturais e ambientais (TAMBA, 2015, p. 35).

Lamarche (1993) formulou uma teoria para uma maior compreensão do funcionamento da unidade de produção familiar, segundo a qual o passado camponês partilhado entre os indivíduos é chamado de "modelo original", enquanto as projeções e objetivos futuros, tomados como referência por esses mesmos indivíduos, são caracterizados como "modelo ideal".

> Essa abordagem centra sua reflexão sobre a produção familiar pelo grau de integração à economia de mercado, concebida "tanto no plano técnico-econômico quanto no plano sociocultural". Assim, concebe uma escala que possui como extremidades o "modelo original" e o "modelo ideal" (TAMBA, 2015, p. 37).

Nesse sentido, "os produtores familiares organizam suas estratégias, vivem suas lutas e fazem suas alianças em função destes dois domínios: a memória que guardam de sua história e as ambições que têm para o futuro" (LAMARCHE, 1993, p.19). Eles são influenciados pelo patrimônio sócio cultural construído nessas unidades de produção ao longo de sua formação e perpetuação, bem como pelo contexto geral da sociedade global em que estão inseridos, posicionando-se em diferentes graus dessa escala (TAMBA, 2015, p. 37).

Segundo Lamarche (1993) as chances de os produtores familiares atingirem o modelo ideal concebido dependem da complementaridade entre seus projetos e os projetos que a sociedade em que estão inseridos tem para eles. Ainda, segundo Lamarche (1993) nas economias de mercado, notadamente em países industrializados, percebe-se uma maior dificuldade na perpetuação de unidades familiares que estejam mais próximas aos extremos da referida escala. Isso porque há uma dificuldade em desvencilhar-se do seu modo de produção original para atender às exigências do mercado, e, por outro lado, "não conseguem mais encontrar alternativas fora do padrão de produção para o mercado, que poderiam ser buscadas no patrimônio sociocultural fornecido pelo modelo original, se não o tivessem renegado ou esquecido" (LAMARCHE, 1993 apud TAMBA, 2015, p. 38).

Segundo Wanderley (2009) o campesinato no Brasil pode corresponder às formas mais tradicionais da agricultura realizada em pequena escala, mas também pode ser considerada de outra forma pelo peso político que carrega o nome “Camponês”.

> (...) dispondo de poucos recursos produtivos, pouco integrado ao mercado e à vida urbana e frequentemente identificado à incivilidade e ao atraso econômico e social. Neste sentido, ele se distinguiria da agricultura familiar, a qual, apesar de ter também condições de produção restritas, estaria mais integrada às cidades e aos mercados. Por outro lado, a palavra "camponês" carrega um forte conteúdo político, pois ela é frequentemente associada ao movimento camponês, que foi duramente perseguido, como "subversivo" pelos governos militares, que dirigiram o Brasil de 1964 a 1985. A busca de uma expressão politicamente mais "neutra" levou, nesse período, a que fossem adotadas, oficialmente, denominações como "pequenos produtores", "agricultores de subsistência", "produtores de baixa renda" que, além de imprecisas, carregavam um forte conteúdo depreciativo.Wanderley (2009)

Desta forma, podemos observar que a agricultura familiar, e o campesinato embora sejam distintos estão entrelaçados por algumas semelhanças, no entanto a agricultura familiar está mais associada a pequenas produções para o mercado, enquanto o campesinatos está associado a produção de alimentos visando principalmente o sustento e a construção do projeto de futuro familiar.

Com base no referido estudo, entende-se que os assentados pela reforma agrária no projeto de assentamento Grotão no município de Axixá do Tocantins são sujeitos históricos que “possuem uma trajetória de vida anterior, que configurou o seu ‘modelo original’ que serve de base e referência para enfrentar os novos desafios e construírem um projeto de futuro (Modelo ideal) que se adapte ao novo contexto, mas que os conservem como agricultores familiares” (TAMBA, 2015, p. 38).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é uma pesquisa de base qualitativa que faz uso do método de estudo de caso, que visa a compreensão do objeto pesquisado por meio da interpretação. Os fenômenos humanos e sociais não podem ser compreendidos somente através dos procedimentos quantificáveis, conforme acreditam uma corrente de pensamento científico que desenvolveu e realizam as pesquisas sociais qualitativas. Essa perspectiva traz a possibilidade de o pesquisador e o pesquisado construírem conjuntamente a base dos dados. Por isso, usaremos o termo geração de dados, ao invés de coleta, haja vista que o papel do participante é essencial para a realização da investigação e, sem ele, seria

impossível realizá-la. Dessa maneira, ancoramo-nos em Minayo (1993) ao buscarmos uma abordagem qualitativa em nossa investigação, pois segundo a autora esta modalidade:

> [...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1993, p. 21).

Destarte, com base nos propósitos e nos objetivos da presente investigação, buscamos compreender o mundo dos agentes participantes através da interação. Para tanto, elegemos a entrevista como dispositivo de geração de dados pelo fato desse instrumento permitir uma aproximação interativa entre pesquisador e pesquisado, promovendo o diálogo e a exposição das histórias de vida dos participantes. Assim sendo, as entrevistas possibilitaram a emergência de diálogos entre pesquisador/pesquisador. E o nosso intento principal foi gerar dados, conjuntamente, para a composição do *corpus* sob análise. Para isso, partimos de um conjunto de 05 (cinco) entrevistas que foram gravadas e transcritas em 2012 pelo pesquisador Dr Frank Toshimi Tamba, junto aos assentados do projeto de assentamento Grotão, localizado no município de Axixá do Tocantins. Ao optarmos por esses "casos", estabelecemos um fio condutor lógico e racional que guiava todo o processo de coleta de dados (CRESWELL, 2010).

A respeito das vantagens e dos desafios de pesquisas com entrevistas, Lakatos e Marconi (1996, p. 196) apontam que o uso deste dispositivo de geração de dados se justifica na medida em que ele permite e facilita a compreensão e abre possibilidades relevantes para uma interpretação qualitativa dos dados, permitindo averiguar os fatos; determinar opiniões sobre esses mesmos fatos; determinar os sentimentos sobre eles; descobrir os planos de ação; entender as condutas atuais ou passadas; entender os motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas de condutas, etc.

Para a realização das entrevistas, foi utilizado um gravador para ampliar o poder de registro e preservar o conteúdo original dos dados gerados. Além disso, permitiu registrar não só as palavras, como também, pausas, vacilações, mudanças no timbre da voz, que permitem ao pesquisador prestar maior atenção ao entrevistado (FLICK, 2009).

As entrevistas ocorreram na residência dos entrevistados. Uma das preocupações na condução das entrevistas era interagir de forma natural, não intrusiva, "evitando

argumentar, discutir ou demonstrar posicionamento pessoal em relação ao que estava sendo comentado" (MINAYO, 1994).

As entrevistas auxiliaram efetivamente em nossas observações de campo, as quais ocorreram durante o período de realização das atividades investigativas *in lócus*. Constatamos a eficácia de sua utilidade no estudo de caso, pois elas permitiram o registro de ocorrências de interesse para o trabalho e que não tinham sido evidenciadas. Este dispositivo auxiliou na compreensão e interpretação dos fenômenos estudados e ocorreram de forma participante e/ou não participante, "(...) depende do envolvimento do entrevistador, ou seja, ele ser ou não mero espectador do fato que está sendo estudado" (YIN, 2010, p. 138).

Após concluir a transcrição das entrevistas constituintes do *corpus* da nossa pesquisa, levamos em consideração o anonimato dos nomes dos participantes, os quais foram substituídos com a seguinte configuração (AGRICULTOR 1; AGRICULTOR 2...) para os agricultores familiares e assim por diante. Essa medida tem o intuito de suprimir as referências pessoais, dando atenção ao papel social exercido por cada um.

a) Pré-análise: quanto a esta etapa de análise dos dados, foi levado em consideração os objetivos e as questões da pesquisa, bem como a escolha do método qualitativo. Esta etapa iniciou-se com a realização de uma atividade conhecida como leitura flutuante, que tem por objetivo gerar impressões iniciais acerca do material a ser analisado, sem o compromisso objetivo de sistematização, apenas tentando extrair algumas ideias e seus significados gerais. Essa primeira leitura nos possibilitou transcender a mensagem explícita e, de forma menos estruturada, permitiu-nos conseguir apreender pistas e indícios não óbvios.

b) Análise: conforme exposto anteriormente, o processo analítico se deu em diferentes etapas, marcadas por gestos interpretativos profundos de diversas leituras e releituras das entrevistas realizadas, as quais compõem o *corpus* sob análise desde os primeiros momentos da geração dos dados. Em nossa interpretação, levamos em conta a história, as vivências e as experiências dos participantes, bem como o contexto geográfico, histórico, político-econômico e cultural das comunidades pesquisadas. Todos esses elementos constituem as categorias analisada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Modelo Original dos Camponeses do Assentamento Grotão

As entrevistas, revelam que os agricultores do projeto de assentamento Grotão, no município de Axixá do Tocantins, são portadores de uma tradição camponesa herdada de gerações anteriores, que podemos considerar como modelo original (LAMARCHE,).

> Sai do Piauí aos dois anos de idade pra o município de Bacabal – MA. Lá nóis trabalhava na agricultura, meu pai criou a gente trabalhando de roça. Nóis era uma família de 10 irmãos homens e fui criado lá. Quando sai de lá eu tinha 25 anos. A terra pertencia a meu pai mesmo, ele comprou e criou a família toda lá, sabe. Aí nóis foi casando, a família grande, um bocado aprendeu foi pra cidade grande, aí outros ficou trabalhando mesmo com ele. Quando a terra cansou, nóis veio embora pra cá. No dia 27 de julho de 1977 chegamos aqui (AGRICULTOR 1)

> Eu sai de lá com dois anos e fui pro povoado do Centro dos Teles do município de Bacabal-MA. Lá a gente trabalhava de roça igualmente eu estou até hoje. Eu era novo, mas desde os dez anos de idade já trabalhava na roça, disputando uma carreira de mato com os adultos, mesmo, né (AGRICULTOR 2)

Essa origem camponesa, já foram destacadas nas teses de doutorados de Sader (1985) e Tamba (2015), demonstrando que a maioria dos camponeses do Bico do Papagaio são oriundos do Nordeste, e migraram para a região norte em busca de terras livres, onde podiam sobreviver em pequenos centros ou povoados cultivando roças itinerantes e extração do coco babaçu.

O trabalho e modo de vida repassado de geração em geração são traços marcantes desses produtores que tinha a migração como forma de reprodução social e manutenção das tradições camponesas.

> Meu pai morou muitos anos na Santa Luzia e depois se mudou pra outro povoadozim velho de Santa Teresa e depois veio dar uma espiada desse lado de cá, tinha um irmão que estava pra cá, né! Aí veio reparar aqui e lá é bom, só voltou pra vender as coisinhas e vimos pra cá! Aí quando viemos pra cá ele fretou o carro até a beira do rio Tocantins, aí vinha trazendo galinha, cachorro, ele gostava de criar cachorro. Aí alugou um salão de um cabra lá e noutro dia foi procurar um carro pra fretar até aqui na Morada Nova. Aí arrumou e resolvemos morar aí. Eu já tava com doze a quinze anos, tava pixote já, mas já sabia das coisas. (AGRICULTOR1)

> Aí eu num sei quanto tempo moramos lá, mas quando cheguei aqui eu tinha dezessete anos (1972). Lá do município de Bacabal nós mudamos pra cá no município de Pindaré. Nóis viemos de lá eu ainda era criança. Meu pai

> mudou pra cá porque tava melhor na época, sabe! Lá já estava cansada, viemos pra cá pro Pindaré. (AGRICULTOR 4)

O interconhecimento e as atividades de trabalho coletivo como mutirão para algumas atividades dos roçados são tradicionalmente as características que conferem a esse campesinato uma relativa autonomia em relação a sociedade envolvente, sem isolar-se completamente dessa, mas definindo-as como pertencentes a uma comunidade.

> Tinha vez que nois fazia também, tinha vez que nem todos queriam trabalhar no mutirão, aí a gente ficava trocando dias. (AGRICULTOR 4)

> Num era só porque a gente sempre brocava em mutirão, né. Sempre ia de oito de dez para um e passava pro outro e era assim. Mas praticamente sozinho. O mutirão era porque se você ia fazer uma roça sozinho no mato grosso é muito ruim de você trabalhar sozinho. Passava um mês brocando, num tinha mesmo outra coisa pra fazê! (AGRICULTOR 5)

A rotina de trabalho é bastante intensa e centrada em um calendário agrícola que se inicia no mês de junho, onde se realiza a broca, seguida da queima nos meses de agosto a setembro, e início dos plantios a partir do período chuvoso (outubro a janeiro), assim descrito pelo entrevistado.

> Eu planto no mês de dezembro pra culhê no mês de maio, de junho. Então você começa do mês de junho. Vamos começar do mês de junho começa de junho, né. Em junho a gente começa a brocar que é derrubar aquele mato. Em agosto, setembro a gente queima ele, aquela área, aí já vai plantá. (AGRICULTOR 3)

O cultivo tradicionalmente utilizado é chamado de “roça de toco” embasada nas etapas de desmatamento, queima e plantio e somente retorno o plantio nessa parcela de terra, após um período de pousio que varia de dois a três anos dependendo da disponibilidade de área.

> Eu broco mais meu filho aí que tá aqui mais eu. Eu sempre broco minha terra o tempo todo! (AGRICULTOR 1)

> (Valdir) Faz muito tempo, só que minhas roça é sempre toco, brocando. Sei que ia sobrando pasto e eu alugava.

> Sempre a gente fazia uma roça aqui e no outro ano já passava pra frente. Começava brocar em junho, o mato era grosso, pra queimar cedo, em agosto, setembro. Plantava em outubro, ou no começo de novembro. A gente sempre planta o arroiz escarreirado com o milho dentro. Depois colhia o arroz e o milho e capinava a palhada pra plantar feijão (AGRICULTOR 2)

Geralmente planta-se arroz, milho, feijão, fava e outros cultivos como abóbora, melancia, quiabo e maxixe. Ao final da colheita de arroz, dobram-se os pés de milho

com as espigas, e semeia-se o feijão entre as linhas do milho. Alguns agricultores, antes do final do ciclo do arroz, semeiam a fava que irá crescer sob os pés de milho, e que será colhida somente no final do ciclo da fava /ou feijão, conforme relatado pelo entrevistado abaixo

> eu mesmo botava 10 linhas de roça, o mato era pouco porque era virgem, a dificuldade era brocar e derrubar, se queimasse bem o mato era pouco, aí nois plantava mandioca, arroz, milho, tudo junto. A mandioca você plantava espaçosa, plantava uma braçada de lonjura e ainda encontrava os galhos, hoje a gente planta um metro de distancia e ainda dá dificuldade de mandioquinha, trabalho nosso de roça é esse. Ainda tinha também fava que a gente plantava nos tocos, nas palmeiras. Quando tira o arroz, ela começa a enramar, como agora mesmo ela tá se estendendo, aí tem uma vez quando é uma fava bem plantada ela enrolava a mandioquinha, dava muita fartura de fava (AGRICULTOR 3)

O interconhecimento é uma das características marcantes no modo de vida da sociedade camponesa e se manifesta, principalmente na origem dos mesmos, quando afirmam que aqui "todos são parentes ou compadres" ou que moravam no povoado "Modada Nova" ou eram companheiros de luta, referindo-se ao processo de luta para conquistar a terra. As festas e a associação dos produtores do assentamento são traços de sociabilidade que os distinguem como pertencentes à comunidade do assentamento Grotão para outras comunidades vizinhas.

> A nossa associação é boa. Nóis elege o presidente... a nossa associação é a coisa mais diferente desses assentamentos, porque quando a gente precisa, quando precisa de dinheiro pra nossa associação, independentemente d quantidade, independentemente da mensalidade de pagar, ele vai lá e soma e dá tanto pra cada um, independente da mensalidade todo mundo vai lá e paga (AGRICULTOR 5)

> Coisas da igreja funciona assim, chama um bocado de um lugar, um bocado de outro... o nosso festejo é de Santa Luzia no período de 1 a 13 de dezembro, são treze dias de festejo. Da região é o maior festejo, é o mais organizado, todo mundo fala. Toda noite vem uma comunidade. O pessoal da igreja é quem escala a comunidade que vem visitar. Eu num sou de ir muito na igreja, eu vou uma vez por mês... na missa e nos festejos eu ajudo, dou o necessário, mas num vou muito não. (AGRICULTOR 4)

O envolvimento com a sociedade envolvente acontece de diferentes maneiras, desde a tradicional busca por serviços que não possuem no assentamento, como tratamento de saúde, serviços bancários e etc.

> A gente vai à cidade pra fazer uma consulta, arrancar um dente, e ás vezes vai só dar uma volta lá né, ver o movimento! [...] Agora pra meninas tem muita diversão, festas aí toda hora, na cidade tem muitas. (AGRICULTOR 1)

> É difícil eu ir pra cidade, sabe! Aqui em casa a gene só faiz compra de mês em mês sabe! A gente compra o feijão do sul porque a gente só come dele aqui, o óleo,o açúcar, o café essas coisa dá pra comprar de mês em mês. A mulher é aposentada e quando ela tira já compra logo. (AGRICULTOR 2)

O futuro dos filhos é outra preocupação que faz parte da sociedade camponesa e exige um planejamento que geralmente define a sucessão do lote e pode também entrar como estratégia de viabilizar a produção no lote e diminuir a pressão para o sustento de todos os membros familiares. Isso fica evidente nas falas abaixo

> Eles me ajudavam moço, fizeram falta demais, moço! O serviço de fazer em uma semana o cabra fazia em dois dias. O serviço era mais ligeiro! A gente dá conselho, mas depois que fica de maior, num tem jeito não! (AGRICULTOR 5)

> Passava muita necessidade. Eu mesmo criando 12 filhos, pra botar no estudo, mexendo com arroz, milho, mandioca, você vê que ninguém passava bem, nem andava bonito. (AGRICULTOR 3)

A partida para uma cidade grande após a conclusão do ensino médio faz parte da estratégia de reprodução social do campesinato, conforme apontado por Woortmann (1985), onde a migração alivia a pressão por alimento, serve de apoio a migração de outros membros familiares e pode reverter em ajuda financeira em alguns momentos de necessidade para os pais. A saída dos filhos para tentar o futuro fora da agricultura em atividades menos penosas e de melhor remuneração, por outro define a sucessão no lote, pois o herdeiro geralmente é quem permanece como os pais na velhice até o falecimento dos mesmos.

O Modelo Ideal a partir da entrada nos Assentamento de Reforma Agrária

A entrada nos assentamentos trouxe a possibilidade de fixação da moradia, segurança alimentar e projeção de futuro para a família dos assentados. A partir dessa nova realidade, eles tiveram acesso ao crédito do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), e todos financiaram gado leiteiro. O crédito é determinado pelo Banco da Amazônia, destacando-se que não houve disponibilidade de financiamento para outra atividade, ou seja, era um modelo idealizado pelos órgãos de assistência técnica da sociedade envolvente, que segue a lógica do mercado, conforme destacado como Modelo ideal, caracterizado por Lamarche, 1993).

> Eu comprei uma vaca, uma bola de arame e ainda sobrou um dinheiro. Eu até fiquei admirado, rapaz eu vou criar vaca, já comprei uma! (AGRICULTOR 4)

> O INCRA entrou deu o fomento a gente comprou duas vaquinhas e aí foi cercando a terra, gramando um pedaço, que minha terra num tinha nada, só mato bom de trabalhar. Aí depois de uns dois anos veio o PRONAF um financiamento um pouco maior de cinco mil e pouco e comprei gado, arame pra cercar a terra, estaca sei que eu apliquei. Aí esse investimento deu certo, eu passei uma temporada boa... ainda to pagando. Aí fiquei bem. Bem, não, pra gente pobre fiquei bem! Agora em 2000 fiquei ruim, me deu uma crise aí em 2006 a mulher adoeceu, eu sei que gastei tudo. Mais eu apliquei bem o dinheiro, a doença é quem come tudo, né! Mas graças a Deus tô me virando! (AGRICULTOR 3)

> Eu tinha um gado já, aí eu vendi pra fazer essa casinha e tenho ainda vinte gado. Eu vendi uns trinta pra fazer essa casinha (AGRICULTOR 1)

Tradicionalmente o gado é uma forma do camponês acumular patrimônio, ou seja, conforme definido por Afrânio Garcia Júnior, faz parte da estratégia ascendente que permite o agricultor acumular reservas que podem ser utilizadas, por exemplos, em épocas de necessidade provocadas por doenças na família, despesas com festas de casamentos ou investimentos em imóveis e outros bens de consumo duráveis. Como se pode observar, nos depoimentos acima, o gado foi importante fonte de recursos para tratamento de saúde e construção de casas e obter bens de consumo duráveis como geladeira, fogão, motocicleta e outros itens que dificilmente tinham acesso no período anterior ao assentamento.

> [...] comprei uma moto. Agora saio daqui cedinho chego lá o sol bem cedinho e quando dá quatro hora dá na mesma hora tá aqui, é um discanço pras pernas, daqui lá é mais longe do que daqui pro Axixá... trabalhar o dia todim pra vir de tarde caminhando num aguento não... primeiro ia correndo se fosse preciso, mas com a idade vai ficando mais mole. A facilidade de morar aqui é porque bate papo com o pessoal daqui e ir pro Axixá é mais fácil. Tenho conhecimento com todo mundo, acho bom. (AGRICULTOR 4)

O policultivo e a pecuária são uma combinação de atividades comumente reproduzidas entre os camponeses, e também bastante apropriadas, pois os restos das culturas servem de alimento para o gado, e o esterco é utilizado como adubo para os cultivos agrícolas (WANDERLEY, 1997). Além do policultivo e pecuária, os assentados continuam a exploração do babaçu, seja para o consumo próprio ou para fins de comercialização

> [...] quebro mas é poquim só pro consumo, pra fazer um azeite, um sabão... o carvão continuo usando na cozinha porque o gás é caro demais e a gente num tem uma renda, né! (AGRICULTOR 5)

> Nessa época ela quebrava côco e tinha fazia o meio de vida aqui também, né! Juntava côco, quebrava, fazia carvão e... aqui na roça mulher num trabalha quando tá doente. Mas tanto boa, quando dá de manhãzinha tá no côco, ajuntando côco, levando pra casa quebrando aquele rolo danado. (AGRICULTOR 3)

Os assentados pela reforma agrária no assentamento Grotão desenvolvem cultivos agrícolas que tradicionalmente aprenderam com seus antepassados, e continuam, praticamente, com as mesmas técnicas de cultivo, com pouca adoção de novas tecnologias. Entre as tecnologias que passaram a adotar destacam-se o uso do arado, herbicida e inseticida.

> Você planta 4 linha de mandioca e dá quase 200 sacos de farinha, agora pra tratar tem que trabalhar, esse veneno tá ajudando bem na planta da mandioca, você arada a terra e sempre no arado nós estamos levando (AGRICULTOR 2)

> [...] o legume na terra aradada tem mais desenvolvimento, pra cultivar é melhor pois num tem aquele horror de toco pra você tá arrodeando, fica uma terra macia. [...] Agora eu usava só o Grazon porque ele mata só o mato, não mata o arroz. Eu não uso adubo. Esse Losban era porque eu sempre gostei de plantar feijão, e é um legume que sai muito pulgão e eu sempre procurando... olhe, bem aí na baixa eu plantei um feijão e furava demais, e esse ano começou a furar e eu descobri esse veneno! (AGRICULTOR 5)

A assistência técnica e extensão rural realizada pelo Ruraltins seguiu o modelo produtivista visando o mercado, através da adoção de pacotes tecnológicos que o deixam dependentes de tecnologia, mercado e dinheiro, como apontado por Lamarche (2003).

> Teve um tempo que o RURALTINS deu adubo e sementes para nós, mas logo largamos também. Porque ele deu o primeiro ano e tinha que ir comprar depois e é caro a semente, mas o milho hoje tá normal e tá bom. As espigas eram pequenas, mas no quarto ano que eu planto, as espigas tão desse tamanho!! Já virou comum e tá bom! (AGRICULTOR 2)

A falta de recursos financeiros impede que haja uma continuidade na adoção de tecnologias modernas no cultivo das plantas. O apego ao modelo original, repassado entre as gerações garantem a produção de alimentos e a reprodução enquanto produtores de alimentos, pois como afirma o assentado abaixo,

> Meu trabalho mesmo é grosseiro do jeito que meu pai me ensinou. Eles (RURALTINS) ensinaram tanta coisa, e eu não! Ensinaram banana, cupuaçu, abacaxi eu cheguei trabalhar um pouquinho aqui na baixa com um negócio de abafar arroz pra matar mato, mas eu não num é pra mim não. Fizeram uma roça bem aqui... plantaram abacaxi... rapaz eu... roça que não vai fogo eu não boto fé! (AGRICULTOR 5)

O depoimento acima reafirma que apesar de estar vivenciando uma nova realidade dentro dos assentamentos com significativas melhorias na qualidade de vida, como acesso ao crédito o apelo às tradições e cultura do modo de vida camponês assegura a reprodução social das famílias assentadas.

CONCLUSÃO

O fortalecimento das organizações sociais é extremamente importante para minimizar a desigualdade social. A organização no campo pode favorecer o desenvolvimento da economia rural, ao dispor de terra, crédito e extensão rural para o desenvolvimento dos campesinatos considerados pequenos agricultores, fortalecendo a economia de modo geral, pois grande parte dos alimentos consumidos pela sociedade provém da agricultura familiar.

Através dos movimentos sociais no campo é possível aderir firmeza para lutar por melhorias e consolidação de uma agricultura familiar que promova o desenvolvimento rural, gerando renda, acesso à educação, saúde e moradia. Esses direitos não devem ser violados, pois são direitos sociais, atribuídos como cláusulas pétreas previstos na constituição federal de 1988, que sempre serão sustentados pelo Estado Democrático de Direito.

Sendo assim, é plausível destacar que com o surgimento da recriação camponesa através da reforma agrária, diversas famílias foram beneficiadas. Apesar de melhorias esses direitos são incapazes de apagar o histórico de vida dos campesinatos. Pois a falta de acesso as políticas públicas, as quais eram destinadas apenas aos grandes produtores, corroborou em diversos retrocessos sociais, que permanecem no cotidiano de vida desse povo até os dias atuais.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. W. B. de. Estrutura fundiária e expansão camponesa. In: ALMEIDA JR., J. M. G. de (Org.) Carajás: desafio político, ecologia e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1986

CÂNDIDO, Antônio. Os Parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 12ª edição. São Paulo, Rio de Janeiro: Edusp, 2017.

CRESWELL, John W. Projeto De Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo E Misto; Tradução Magda Lopes. – 3 Ed. – Porto Alegre: Artmed, 296 Páginas, 2010.

FLICK, Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa/ Tradução Roberto Cataldo Costa; Consultoria , Supervisão e revisão tecnica desta edição Dirceu da Silva. Porto Alegre : Artmed, 2009. 164p.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. O Sul: Caminho do Roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: MCT-CNPq, 1989.

LAMARCHE, Hugues (coord.). Introdução geral. In: A agricultura familiar: comparação internacional. Vol. I: uma realidade multiforme. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 13-22.

MARX, Karl. O Capital. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril, 1984, Vol 1, tomo 2.

MENDRAS, Henri. 1978. Sociedades Camponesas. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MINAYO, M. C. S. (org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis – Rio de Janeiro, Vozes, 1994. **MINAYO**, M. C. S.

PALACIOS, Guillermo. Campesinato e Escravidão: uma proposta de periodização para a história dos cultivadores pobres livres no Nordeste Oriental do Brasil: 1700-1875 (1987). In: WELCH, A. Clifford; MALAGODI, Edgard; CAVALCANTI, Josefa S. B; WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (Orgs.). Camponeses Brasileiros: leituras e interpretações clássicas. Vol. 1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

PRADO JUNIOR, Caio. A Revolução Brasileira: a questão agrária no Brasil. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Uma categoria rural esquecida. In: WELCH, Clifford A.; MALAGODI, Edgard; CAVALCANTI, Josefa S. B.; WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (Orgs.). Leituras e interpretações clássicas. v. 1, São Paulo: Editora UNESP; Brasília, Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento do Rural, 2009.

TAMBA, Frank Toshimi. Estratégias de Reprodução Social em Assentamentos de Reforma Agrária na Região do Bico do Papagaio-TO. 2015. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPE_4aecd5ca03819205ee442b393ffb6359 acesso em 15 de outubro de 2021

WANDERLEY, Maria Nazareth B. A sociologia do mundo rural e as questões da sociedade no Brasil contemporâneo. Revista Ruris, Vol. 4, número 1, março/2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/resr/a/4Hn3FCvFdb9VBYwSwJfKSGJ/?lang=pt acesso em 15 de outubro de 2021

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (Orgs.). Camponeses Brasileiros: leituras e interpretações clássicas. Vol. 1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. In: WELCH, C. A. et al. (Org.). Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas. São Paulo: UNESP; Brasília: NEAD, 2009. p. 217-238.

VELHO, O. G. Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

YIN, Robert K. Estudo de caso – planejamento e métodos. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.